MULHERES, ÁLCOOL E VIOLÊNCIA: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA PANDEMIA DA COVID-19

Andressa Mendes da Silva Dias
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3223-4296
Endereço eletrônico: andressamende90@gmail.com

Palavras-chave: Alcoolismo feminino; violência de gênero; representações sociais; memória coletiva; pandemia da COVID-19.

INTRODUÇÃO

O consumo de bebidas alcoólicas por mulheres tem aumentado nas últimas décadas e ficou muito mais evidente durante a pandemia da COVID-19, período em que ocorreu isolamento social, intensificação das desigualdades sociais e sobrecarga emocional. Nesse contexto, o alcoolismo feminino passou a demandar maior atenção, sobretudo quando articulado às questões de gênero, violência e vulnerabilidade social.

Quando nos referimos ao alcoolismo, frequentemente são produzidas representações negativas relacionadas à violência, ao descontrole e à ausência de limites. Bertoni (2015), ao investigar representações sociais sobre o álcool entre universitários, observou que o consumo alcoólico foi associado às diferentes formas de violência. Dados do III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira apontam que aproximadamente 4,4 milhões de pessoas relataram ter discutido com alguém sob efeito do álcool nos doze meses anteriores à pesquisa, sendo maior a ocorrência entre homens, embora também expressiva entre mulheres (FIOCRUZ/LENAD, 2017).

Nesse cenário, a violência contra a mulher aparece como uma das principais consequências associadas ao uso abusivo de álcool. Segundo Vieira et al. (2017), o efeito da bebida alcoólica intensifica situações de agressão, humilhação e sofrimento vivenciadas por mulheres em relações afetivas violentas. O Relatório Global sobre Saúde e Álcool aponta que

cerca de 18% dos casos de violência doméstica estão relacionados ao uso prejudicial do álcool (WHO, 2018). Durante a pandemia da COVID-19, tais situações foram agravadas pela convivência forçada no ambiente doméstico, pela intensificação do estresse e pela limitação do acesso a serviços de proteção (Santana et al., 2022).

Ao discutir a relação entre alcoolismo e violência, é necessário compreender que o álcool, isoladamente, não explica os comportamentos violentos. Soares (1999) destaca que a violência contra a mulher está associada a uma legitimação social das práticas violentas, sustentadas por uma estrutura patriarcal. Nesse sentido, Saffioti (2015) compreende o patriarcado como um sistema de dominação-exploração das mulheres pelos homens, sustentado por relações hierárquicas de poder que atravessam diferentes espaços sociais.

Diante disso, este estudo teve como objetivo analisar a memória e as representações sociais de mulheres alcoolistas sobre o uso e abuso de bebidas alcoólicas durante a pandemia da COVID-19, com foco nas relações entre alcoolismo feminino e violência.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada na Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici ([2000] 2015) e no conceito de Memória Coletiva de Maurice Halbwachs ([1925] 2023). Essas perspectivas possibilitam compreender como as experiências das mulheres alcoolistas são construídas socialmente, compartilhadas coletivamente e atravessadas pelas relações de gênero.

O estudo foi desenvolvido em dois momentos. O primeiro consistiu na aplicação de um questionário online direcionado a mulheres que participavam de grupos de ajuda mútua ao alcoolismo. Para a divulgação do questionário, utilizou-se a técnica Snowball, adaptada para redes sociais virtuais, permitindo que as participantes compartilhassem o link por diferentes meios digitais. No segundo momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as fundadoras da Associação Alcoolismo Feminino e com participantes que manifestaram interesse em colaborar com a pesquisa após responderem ao questionário.

A análise dos dados foi realizada com base na análise de conteúdo proposta por Bardin ([1977] 2011), a partir da qual foram construídas categorias temáticas relacionadas às memórias e representações sociais sobre o alcoolismo feminino durante a pandemia. Para este recorte, enfatizamos a categoria relacionada às experiências de violência vivenciadas pelas

mulheres alcoolistas e às estratégias de apoio desenvolvidas pela AF.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados demonstraram que o alcoolismo feminino durante a pandemia esteve diretamente relacionado ao isolamento social, à sobrecarga emocional, às desigualdades de gênero e às diferentes formas de violência vivenciadas pelas mulheres.

Uma das entrevistadas relatou como a violência sexual atravessou sua trajetória e a de sua mãe, demonstrando como mulheres alcoolizadas frequentemente são responsabilizadas pelas violências sofridas: “Então, minha mãe sabia das coisas assim que podiam acontecer, talvez ela também foi muito estuprada na noite também [...]. Esses caras aí só querem te comer porque tu tá bêbada” (Girassol 3).

O relato destaca como determinadas representações sociais naturalizam a violência sexual contra mulheres alcoolistas, reforçando mecanismos de culpabilização feminina. Para Moscovici ([2000] 2015), as representações sociais orientam práticas e comportamentos cotidianos, funcionando como formas socialmente construídas de interpretar a realidade. Assim, a ideia de que mulheres alcoolizadas tornam-se “responsáveis” pela violência sofrida traz à tona a permanência de discursos patriarcais que legitimam a violência de gênero.

Outra participante destacou a diferença entre a forma como homens e mulheres alcoolistas são percebidos socialmente: “Meus irmãos continuam bebendo. Inclusive, um deles bebe muito de forma desfuncional. Mas eles são homens. Então, a sociedade passa pano para os homens. Mas as mulheres que bebem [...] vão ficar vulneráveis sexualmente. É feio mulher que bebe” (Girassol 18).

As falas demonstram que o alcoolismo feminino é atravessado por julgamentos morais e estigmas de gênero. Enquanto o consumo abusivo de álcool por homens tende a ser socialmente naturalizado, as mulheres alcoolistas são frequentemente associadas à promiscuidade, vulnerabilidade sexual e descontrole. Tal perspectiva reforça o que Saffioti (2015) denomina como estrutura patriarcal, sustentada por relações hierárquicas que condicionam mulheres à submissão e ao controle social.

A partir das contribuições de Halbwachs ([1925] 2023), compreende-se que as memórias individuais das participantes estão articuladas aos quadros da memória coletiva, produzidos socialmente. As experiências compartilhadas no grupo permitiram que as

mulheres reinterpretassem suas trajetórias, confrontassem discursos culpabilizadores e construíssem novas formas de significar suas vivências.

CONCLUSÕES

A pesquisa evidenciou que o alcoolismo feminino durante a pandemia da COVID-19 esteve relacionado às desigualdades de gênero, às violências vivenciadas pelas mulheres e aos impactos emocionais intensificados pelo isolamento social. Os relatos das participantes mostraram que mulheres alcoolistas enfrentam múltiplas formas de violência e estigmatização, sendo frequentemente responsabilizadas pelas agressões sofridas. Nesse sentido, as representações sociais sobre o alcoolismo feminino reforçam desigualdades de gênero e contribuem para a manutenção de discursos culpabilizadores.

A Associação Alcoolismo Feminino desempenhou papel essencial ao promover espaços de acolhimento, escuta e construção de consciência crítica, especialmente por meio do grupo específico sobre violência. O compartilhamento das experiências permitiu que as participantes ressignificassem suas memórias e reconhecessem mecanismos de opressão historicamente naturalizados.

Assim, torna-se fundamental fortalecer políticas públicas voltadas às mulheres alcoolistas, considerando as especificidades de gênero, raça e classe social que atravessam suas experiências. Além disso, destaca-se a necessidade de ampliar debates sobre alcoolismo feminino nos espaços educacionais, contribuindo para a desconstrução de estigmas e para o enfrentamento das violências de gênero.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, [1977] 2011.

BERTONI, Luci Mara. **Se beber não dirija:** representações, juventude e publicidade de bebidas alcoólicas. Campinas: Librum, 2015.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira – LENAD. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614. Acesso em: 03 dez. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **Os quadros sociais da memória**. Traduzido e adaptado a partir da

edição Les cadres sociaux de la mémoire (Paris: Félix Alcan, 1925). Trad. Antonio Fontoura. Curitiba: Antonio Fontoura, [1925] 2023. (Edição Kindle).

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis: Vozes, [2000] 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Global Status Report on Alcohol and Health 2018. Geneva, 2018. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789241565639. Acesso em: 07 jan. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTANA, Mayara de Souza; MOUTA, Ricardo José Oliveira; SANTOS, Rosangela da Silva; BARRETO, Ana Claudia Mateus; BORGES, Sandra Cristina de Souza. Vulnerabilidade feminina à violência física no período da pandemia de COVID-19. **Revista de Enfermagem UERJ**, v. 30, e65076, 2022. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/65076. Acesso em: 05 jan. 2025.

SOARES, Barbara Musumeci. **Mulheres invisíveis:** violência conjugal e novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

VIEIRA, Letícia Becker; CORTES, Laura Ferreira; PADOIN, Stela Maris de Mello et al. Abuso de álcool e drogas e violência contra as mulheres: denúncias de vividos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, p. 366-372, 2014.